

500 maiores lucram alto em 2000

Pesquisa mostra que lucro de empresas foi de R\$ 21,6 bilhões no ano passado, contra prejuízo R\$ 2 bilhões de 1999

Ara 18

ALBERTO KOMATSU

As 500 maiores empresas do país conseguiram, no ano passado, mais do que compensar os prejuízos de 1999 causados pela desvalorização do real. Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgada ontem, constatou que no ano passado, juntas, as maiores empresas do país lucraram R\$ 21,6 bilhões, contra o prejuízo de R\$ 2 bilhões de 1999. A informação consta do levantamento 500 Maiores Sociedades Anônimas do Brasil, divulgada anualmente pela FGV. O ranking não inclui empresas financeiras (bancos, corretoras etc).

O destaque foi a Telesp, empresa que opera a telefonia fixa no estado de São Paulo, saltou da 29ª posição para a 2ª, tomando o lugar que pertencia à Furnas, que caiu para a quarta posição no ranking das maiores companhias abertas do país. "As empresas conseguiram reorganizar sua situação financeira, ajudadas pelo câmbio um pouco mais estável", disse Salomão Quadros, chefe do Centro de Estatísticas e Análises da FGV.

Resultado pior – Para este ano, entretanto, diante da crise energética e do efeito Argentina, a estimativa é de que as 500 maiores empresas não repitam o desempenho de 2000. "O resultado não deverá ser desastroso, mas também não será tão bom quanto o de 2000", diz Aloisio Campelo, coordenador da pesquisa. Segundo ele, o impacto maior da desvalorização cambial de 1999 ficou concentrado no primeiro semestre daquele ano, abrindo espaço para o lucro bilionário do ano passado.

O lucro recorde foi o da Petrobras, que continuou no primeiro lugar das 500 Maiores. A estatal ocupa esta posição desde 1994. O segundo maior lucro foi da Companhia Vale do Rio Doce (R\$ 2,1 bilhões).

Maior prejuízo – Justificando o bom resultado de 2000, houve menos empresas com prejuízo em 2000. O número caiu de 219, em 1999, para 154. O maior prejuízo foi o da Rede Ferroviária Federal, que mesmo após a privatização das malhas apresentou

perdas de R\$ 5,4 bilhões. O segundo maior foi o da TBG, a administradora do gasoduto Brasil-Bolívia, controlada pela Petrobras. A empresa teve um prejuízo de R\$ 532,3 milhões.

As 500 maiores empresas também tiveram a melhor rentabilidade já apresentada desde o início do Plano Real, adotado em 1994. Isso significa que essas empresas, que têm capital aberto (são negociadas em Bolsa de Valores), deram o maior retorno dos últimos seis anos aos seus acionistas. As empresas registraram um retorno de 6,27% sobre o patrimônio líquido – só perde para os 7,81% de 1994.

Retorno recorde – De acordo com Salomão Quadros, a rentabilidade sobre o patrimônio líquido – resultado da divisão do lucro líquido das empresas pelo patrimônio líquido – foi o melhor desde 1994 porque as empresas analisadas conseguiram melhorar seu caixa, faturamento e estoques, sem investimentos em novas instalações. A FGV informou que as maiores companhias não aumentaram o nível de endividamento. Ou seja, elas aumentaram o lucro sem contrair novas dívidas.

A mais rentável das companhias foi a Credicard, 34ª colocada no ranking, e que entra no levantamento da FGV apesar de estar ligada ao ramo financeiro. A FGV inclui esse tipo de empresa por não considerá-la "criadora de crédito", como os bancos.

A Transpetro, subsidiária de transporte da Petrobras, ficou com a segunda melhor rentabilidade. Mauro Campos, presidente da empresa, diz que isso é fruto da redução dos custos diários dos navios. Campos informou que, por meio de acordos com a tripulação, a Transpetro conseguiu reduzir os custos com funcionários, fazendo com que os gastos diários, que eram de US\$ 12 mil, para US\$ 5,5 mil.

A lanterninha da rentabilidade foi a Philip Morris. A empresa, que fabrica cigarros e biscoitos, aparece no ranking da FGV com o pior retorno sobre patrimônio, resultado do prejuízo de R\$ 87,5 milhões.